

## AS LIÇÕES DE FERNANDO PESSOA

Dionísio Vila Maior  
Universidade Aberta e CLEPUL

1. Este estudo deve-se, acima de tudo, à releitura que há pouco tempo fiz do *Livro do Desassossego*, de Bernardo Soares – esse poeta que, pelo exercício do devaneio e do recolhimento, estranhou, e esclareceu, a intranquilidade. Numa passagem dessé mesmo *Livro*, este semi-heterónimo de Fernando Pessoa encara-se frente a frente com ele mesmo. Condescendente com o seu mundo de ideais, e envolvido com as interrogações da sua escrita, Bernardo Soares ensina-nos que o essencial é *realizar*; e, segundo ele, não importa, mesmo, que esse *realizar algo*, esse *fazer algo*, iluda o fascínio da perfeição. Escreve ele o seguinte: «Saber que será má a obra que se não fará nunca. Pior, porém, será a que nunca se fizer. Aquela que se faz, ao menos fica feita. Será pobre mas existe» (PESSOA, F., 1986b: 846).

Sem que naturalmente esta noção de *produzir algo* reenvie para uma qualquer forma de elogio do desleixo ou da negligência, ela moveu-me de imediato a refletir nos pecados da vontade, essa “plebeia da aspiração”. E essa reflexão conduziu-me, em seguida, a pensar na minha profissão e nas inúmeras sementes que, afinal, não geraram promessas que desejei enquanto jovem professor de literatura. Essas sementes, equivocadas por vezes, trouxeram-me frequentemente aquela tristeza com que um Fernando Pessoa indeciso se feria à frustração de saber «Que ao longe está uma estrela / E ao perto está não a ter» (PESSOA, F., 1986a: 276).

Recuei então um pouco no tempo e ponderei sobre a minha atividade letiva: ano a ano, fui lecionando Literatura Portuguesa; ano a ano, fui ensinando a ler poesia; ano a ano, fui tomando consciência das irre-

gularidades da vida e de alguns sonhos desfeitos – os mesmos sonhos que tantas vezes tinham ilustrado o meu horizonte de expectativas e não menos vezes tinham preenchido a minha conceção do que era ser-se professor. No entanto, paradoxalmente ou não, o meu entusiasmo ia também crescendo ano a ano. Iludindo ou não, esse entusiasmo deveu-se talvez ao facto de me convencer de que, como dissera Bernardo Soares, alguma coisa eu ia ajudando a produzir com os meus Alunos... Nunca me esquecia, porém, da impossibilidade de atingir o encanto que significava ser-se o professor perfeito.

2. Como quer que seja, alguma coisa de *ideal* terá decerto ficado na minha relação com os meus Alunos, podendo, até, esse *ideal* significar a tentativa que sempre persegui de nunca oferecer a sabedoria rigorosa da verdade, mas, sempre, o entendimento tão esclarecido quanto possível das incertezas e dos caprichos da vida. Fernando Pessoa qualificou de “Ideal” a “consciência que se tem da imperfeição da vida” (PESSOA, F., 1986b: 1239). Não sei se essa consciência se poderá chamar “Ideal”. Contudo, pergunto eu agora: neste início de milénio, qual é o grau da nossa consciência acerca da imperfeição da vida?

Estamos num início de milénio que persiste na fome de tempo, que amplifica o excesso da civilização tecnológica, que exalta o gozo calculado do globalismo cultural... um início de milénio que se balança ambigualmente entre um certo otimismo e uma poderosa impressão crepuscular que repetidamente vamos colhendo do mundo – impressão sombria essa que vai sendo tantas vezes alimentada pelos equívocos do fundamentalismo religioso e pelas juras mentirosas da ciência e da economia... um início de milénio que se habitua aos desmentidos do humanitarismo e aos requintes perversos do individualismo... um início de milénio que se equilibra de forma libertina entre a massificação cultural e a dissolução da intimidade, entre a pesquisa do novo e o conforto nostálgico do passado, entre a indelicadeza dissimulada e a apetência pela espi-ritualidade... um início de milénio que prossegue na hiperbolização da imagem e na surdez de um egotismo exacerbado... um início de milénio, enfim, que se reproduz e se prolonga na polifonia [ainda] pós-moderna de múltiplos, e intensos, e frenéticos, *discursos* culturais.

É então que me apetece evocar Álvaro de Campos, não o da *Ode* [aparentemente] *Triunfal*, antes o do *Opiário*, o mesmo Campos que se defronta com a sedução falaciosa das sensações e com a inquietação perante a vida, inquietação essa estimulada pela aguda e profunda consciência do absurdo da vida: «Sentir a vida convallesce e estiola», escreve ele logo na primeira quadra desse longo poema (PESSOA, F., 1986a: 964), antecipando de certo modo o «silêncio» final da sua *Ode Marfima*, em que o sujeito poético reconhecerá o seu cansaço – próximo, afinal, daquele outro cansaço que, no final do século XIX e inícios do século XX, foi experimentado pelas sensibilidades europeias... um cansaço que se traduziu num desencanto generalizado em relação ao discurso positivista e ao progresso científico-tecnológico... um cansaço, afinal, que, no desfecho do século XIX e no alvor do século XX, encontrou na literatura, na poesia, um terreno profícuo, através da exploração literária da angústia, do esteticismo, do desconhecido e da morte...

3. E hoje, o que se passa neste início de um novo milénio? Trivializados que estão os males do século XX, tão difundidos pelos meios de informação, até a nossa sensibilidade parece disfarçar uma certa insensibilidade perante a falência de um vitalismo humanista. Banalizadas que estão as tragédias humanas, até a imagem replicada do desespero parece desvanecer-se diante das promessas malogradas de um otimismo que entretanto tinha sido prometido com os acordos antinucleares, com as quedas de muros indecentes, com os compromissos permanentemente falhados da ciência e da economia. E o silêncio de cada um de nós perante essa falência parece, por vezes, ter-se ficado no desconcerto da sua solidão; como alguém já disse, se Deus faz o que quer, o homem vai fazer o que o pode... bem ou mal!

Contudo, que podemos nós fazer, professores de literatura, leitores de poesia – quando por Poesia se entende, também, um espaço onde, pela escrita, tantas vezes se ressumam angústias e repousam silêncios na redondeza da morte, um espaço onde os caminhos da leitura tantas vezes se constroem pela transgressão de sonhos, um espaço onde se dizem fingimentos, um espaço onde pedimos licença ao tempo para olharmos além desse mesmo tempo?

Antes de mais, preenchendo aquele *fingimento* com a autoridade que nos é conferida pela encenação da palavra – pois falar é uma manifestação de poder (poder da autonomia, do pensamento, da linguagem...). Depois, aprendendo e ensinando com os Mestres.

Os meus Mestres foram alguns. Ladeados por todos os outros, os meus primeiros mestres foram Meus Pais, a quem sempre peço conselho, em momentos de crise; também professores (de razão e de paixão), foram-me ensinando três coisas: em primeiro lugar, que um professor deve sempre ajudar a revelar o que está escondido ou simplesmente adormecido em cada Aluno; depois, que o mais profundo conhecimento é conhecermo-nos a nós mesmos; finalmente, que, pelo sonho, o que quisermos nunca se consumirá, pois, pelo sonho, sempre tocaremos o infinito.

Mais tarde, encontraria outros horizontes de referência: Camões, Garrett, Eça, Fernando Pessoa e os seus heterónimos. Com Camões, compreendi melhor o amor pela vida e a dedicação ao próprio Amor; lendo Garrett, aprendi a desconfiar das armadilhas da sociedade; Eça revelou-me a dissimulação e o simulacro; com Fernando Pessoa, vou entendendo que a *perfeição superior* é uma meta intangível e que a perfeição relativa consiste na verificação da pluralidade; com a poesia do heterónimo pessoano Álvaro de Campos, vou encontrando ao mesmo tempo o triunfalismo vital e o desconcerto pelos muitos nadas de que a pobre ânsia humana é feita; com a poesia de Ricardo Reis, vou compreendendo que a disciplina da escrita não se mede artificialmente no modo como se escreve... vou entendendo essa disciplina da escrita como uma disciplina mental, já que se encontra naturalmente no "alto e régio pensamento" de quem escreve e de quem se escreve (PESSOA, 1994: 67); com a poesia de Alberto Caeiro, vou aprendendo não só que o mais importante é saber ver as coisas sempre como se fosse a primeira vez, mas também a olhar de novo para o sentido da vida, com a simplicidade infantil.

E é, sobretudo, neste heterónimo de Fernando Pessoa que vou encontrando, a cada releitura que faço, aquele ditame poético de Almada Negreiros, que identifica a totalidade quer com a infância, quer com o desconhecimento dessa mesma totalidade («Quant j'étais petit je sa-

vais tout / Et je ne savais que je savais tout» [NEGREIROS, J. A., 1990: 105]). Vai-me ensinando Alberto Caeiro que essa totalidade, que esses "grandes interiores de continentes dentro de nós" (PESSOA, F., 1986a: 683), podemos encontrá-los ou quando sentimos os sonhos, ou quando nos despedimos do sentido da impossibilidade, ou quando devolvemos renovados porquê às convicções da vida, ou ainda quando aprendemos com as crianças.

4. E, com este heterónimo, regresso àquele seu poema que – passando «significações aparentemente contraditórias de fé e descrença» (REBELO, 1987: 387) – não só foi encarado como uma «paródia do sagrado, apontada às instâncias vigentes do iconografismo católico ortodoxo» (*ibidem*), como também é por muitos considerado como um dos mais belos textos da poesia portuguesa: refiro-me ao poema VIII d'O *Guardador de Rebanhos*, aquele que começa assim:

Num meio-dia de fim de primavera

Tive um sonho como uma fotografia.

Vi Jesus Cristo descer à terra.

Veio pela encosta de um monte

Tornado outra vez menino,

A correr e a rolar-se pela erva

E a arrancar flores para as deitar fora

E a rir de modo a ouvir-se de longe.

Tinha fugido do céu.

Era nosso demais para fingir

De segunda pessoa da Trindade.

No céu era tudo falso, tudo em desacordo

Com flores e árvores e pedras.

No céu tinha que estar sempre sério

E de vez em quando de se tornar outra vez homem

E subir para a cruz, e estar sempre a morrer

Com uma coroa toda à roda de espinhos

E os pés espetados por um prego com cabeça,

E até com um trapo à roda da cintura

Como os pretos nas ilustrações.  
 Nem sequer o deixavam ter pai e mãe  
 Como as outras crianças.  
 O seu pai era duas pessoas ...  
 Um velho chamado José, que era carpinteiro,  
 E que não era pai dele;  
 E o outro pai era uma pomba estúpida,  
 A única pomba feia do mundo  
 Porque não era do mundo nem era pomba.  
 E a sua mãe não tinha amado antes de o ter.

Não era mulher: era uma mala  
 Em que ele tinha vindo do céu.  
 E queriam que ele, que só nascera da mãe,  
 E nunca tivera pai para amar com respeito,  
 Pregasse a bondade e a justiça!

(PESSOA, 1986a: 749)

Neste poema, o sujeito poético conta uma «história», uma “fábula”, um “sonho”: a *sua* «história» do seu Menino Jesus ... uma «história» onde Pessoa desfolhou, poeticamente, como ele próprio escreveu, uma «blasfémia infantil» e um «antiespiritualismo absoluto» (PESSOA, 1986a: 712) ... uma “fábula” que scandalizou piedosas, e escrupulosas, e vigilantes consciências candidatas mais ao zelo da convicção impulsiva (onde a verdade muito foge das perguntas) do que ao empenho da meditação e da leitura cuidada (onde as verdades relativas se vão enovelando no silêncio) ... um «sonho como uma fotografia», em cuja interpretação muitos apenas retalharam sacrilégio e heresia. E foram aquelas piedosas, e escrupulosas, e vigilantes consciências que nesse poema desagraderam, como diz Luís de Sousa Rebelo, «o sentido [...] [de um] renascimento ou epifania» (REBELO, 1987: 389).

Nessa «história» (esse «mito-fábula» lhe chamou Carlo Cattaneo), Alberto Caeiro vê então o seu Menino Jesus descer à terra e tornar-se «outra vez menino». Paulatinamente, o sujeito poético Alberto Caeiro vai humanizando esse seu Menino Jesus: caracteriza-o como uma cri-

ança normal, igual a tantas outras crianças, uma criança que tem uma visão objetiva e inocente das coisas. «É uma criança bonita de riso e natural», escreve; e continua:

Limpa o nariz ao braço direito,  
 Chapinha nas poças de água,  
 Colhe as flores e gosta delas e esquece-as.  
 Atira pedras aos burros,  
 Rouba a fruta dos pomares  
 [...]
 Corre atrás das raparigas  
 [...]
 E levanta-lhes as saias

(*ibidem*).

O que Caeiro conseguiu foi, de forma muito graciosa, singularizar o seu Menino Jesus com predicados humanos, sem todavia lhe retirar a qualidade divina: o seu Menino Jesus continua a ser a «criança tão humana que é divina». Trata-se, afinal, da criança que convive com um tempo onde se encena o definitivo, ou, como escreveu Maria Helena Nery Garcez, onde é possível «um outro modo de conceber a vida» (GARCEZ, 1989: 73). Para todos os efeitos, não esqueçamos que a infância como *lugar* e *meio* de redenção é, afinal, um tópicos do pensamento judaico-cristão: delas “é o reino dos Céus”, disse Cristo, episódio relatado por São Mateus (XVIII) e São Marcos (X); São Lucas (XVIII) vai mais longe e lembra as palavras de Cristo: «Em verdade vos digo que qualquer que não receber o reino de Deus como criança de modo algum entrará nele» (Lucas, XVIII).

Em consequência disso, ou talvez por causa disso mesmo, o Menino Jesus, pela ótica do “poeta-narrador” Alberto Caeiro, consegue fruir um encantamento: integrar em si o humano e o divino, ser eternamente criança, viver no «presente intemporal das crianças», como escreveu Octávio Paz (PAZ, s/d: 24). Esta é, precisamente, uma das lições com que Caeiro, “poeta estimulado por ideias filosóficas”, olha a palavra poética, apontando, no plano poético-literário, para a qualidade enlaça-

da pelo seu Menino Jesus: garante-lhe uma dimensão divina, apenas pela simples circunstância de ser criança. Numa entrevista a José Luna, em 1934, Federico García Lorca dirá: “Las emociones de la infancia están en mí”. Do mesmo modo, no Menino Jesus de Alberto Caeiro, comparecem os prazeres da complacência divina, apenas, contudo, pela simples circunstância de nesse Menino Jesus se ajustarem quer os caprichos das fragilidades da infância («paradis plein de plaisirs furtifs», qualificou-a Baudelaire, no poema *Moesta et Errabunda*), quer a vivência corporal da relação com um mundo encarado como primeiro, quer ainda a proximidade cadenciada com a essência metafórica da linguagem, vestida pela intimidade do contraditório.

Note-se, porém: Alberto Caeiro recorda, e desaprova, a imagética judaico-cristã, quando assente reverentemente na iconolatria falsamente devota. Este poeta, «louro», de «olhar azul», com «estranho ar grego» (como o caracteriza Álvaro de Campos [PESSOA, 1986a: 735-736]), não acredita a crença no Deus do Antigo e do Novo Testamento, mas na Natureza e nos valores que Aquele encarna; e note-se como, precisamente Álvaro de Campos, num texto sem data, evoca o seu «mestre Caeiro», que um dia lhe dissera: «Lembro-me perfeitamente de como escrevi esse poema. O Padre B... tinha estado lá em casa a falar com a minha tia e esteve a dizer tantas coisas que me irritaram que eu escrevi o poema para respirar. Por isso é que ele está fora da minha respiração vulgar» (LOPES, T. R., 1990: 427). Repare-se ainda o que, num outro texto, sem data, um provável Ricardo Reis escreve:

Quando pela primeira vez [...] ouvi ler *O Guardador de Rebanhos* tive a maior e a mais perfeita sensação da minha vida. Rolou-se-me de sobre o coração, de repente, todo o peso da nossa civilização portuguesa, todo o peso do cristianismo [...]. Respirei outra vez a [...] perfeição das grandes emoções primitivas, provindas da natureza sem data das almas

(*idem*: 430).

Numa outra passagem ainda, atribuível a António Mora, escreve este *outro eu* pessoano: «Essa obra [...] é um marco [...] do pensamento hu-

mano. Pasma-se de que hoje, entre esta gente que nos cerca, fosse possível ir assim reatar o fio da tradição grega perdida. Alberto Caeiro é o maior de todos os poetas contemporâneos, dizemos só isto, porque seria talvez excessivo, posto que verdadeiro, dizer mais»; e, pouco depois, continua: «Com o *Guardador de Rebanhos*, o espírito humano fez a coisa mais importante que há dois mil anos tem feito, regressou ao seu Lar, de um golpe eliminou todas as camadas de degenerescência que Roma e a Judeia nos puseram» (*idem*: 383-384).

E assim Alberto Caeiro («o reconstrutor moderno do pagão», como o definiu Ricardo Reis [PESSOA, 1986b: 1041]) escrevia que o Menino Jesus, «Um dia que Deus estava a dormir», fugiu do céu, tendo “roubado três milagres”:

Com o primeiro fez que ninguém soubesse que ele tinha fugido.

Com o segundo criou-se eternamente humano e menino.

Com o terceiro criou um Cristo eternamente na cruz

E deixou-o pregado na cruz que há no céu

E serve de modelo às outras.

Depois fugiu para o sol

E desceu pelo primeiro raio que apanhou

(PESSOA, 1986a: 750).

Certamente que todos nós temos muito que aprender com este poema. No contexto do que nos propusemos refletir, note-se, não interessa propriamente a crítica tecida por Alberto Caeiro ao Decadentismo e à vivência burguesa; não interessa saber se ele é, ou não, como terá escrito o próprio Pessoa, «o mais original dos poetas modernos, um dos maiores poetas de todos os tempos» (LOPES, 1990: 397); não interessa a repulsa da devoção fingida. Neste contexto, não interessa se Caeiro nega a existência de Deus, ou se, pelo contrário, nega pensá-lo nos moldes impostos pelo Cristianismo; não interessa ler literalmente as palavras do seu Menino Jesus, quando este lhe diz «muito mal de Deus», e que «ele é um velho-estúpido e doente», e que está «Sempre a escarrar no chão / E a dizer indecências», e que «A Virgem Maria leva as tardes da eternidade a fazer meia», e que «o Espírito Santo coça-se com o bico / E empoleira-se nas cadeiras e suja-as» (PESSOA, 1986a: 750-751). No pre-

sente contexto, não interessa o juízo negativo relativamente à abstração metafísica – já que, no essencial, o sujeito poético não acredita em Deus enquanto Ideia, mas num Deus visível e palpável nas coisas da natureza. Não se integra, afinal, o Mestre Caeiro numa tradição que dialogicamente se robustece, primeiro, em Lucrécio e, mais tarde, em São Francisco de Assis (GARCEZ, 1985: *passim*)?

Ouçamos, de novo, o que ao Mestre Caeiro diz o seu Menino Jesus:

Diz-me que Deus não percebe nada

Das coisas que criou –

“Se é que ele as criou, do que duvido” –

“Ele diz, por exemplo, que os seres cantam a sua glória,

Mas os seres não cantam nada.

Se cantassem seriam cantores.

Os seres existem e mais nada,

E por isso se chamam seres”

(PESSOA, 1986a: 750-751).

Como se sabe, o neopaganismo pessoano, nos termos teoricamente desenvolvidos por ele e pelo seu outro *eu* António Mora, constitui como que o complemento teórico do que, fundamentalmente, foi, na prática poética, *O Guardador de Rebanhos* – onde a apologia da apreensão imediata e objetiva do real constitui uma ideia central. Daí este Deus do sujeito poético dever ser perceptível, horizontalmente, nas coisas da natureza; daí *este* Menino Jesus constituir o mediador entre o sujeito poético e essa mesma natureza (LOURENÇO, 1983: 190).

Finalmente, e no que a esta questão diz ainda respeito, não interessa, aqui, saber até que ponto Caeiro pretende insinuar que, por vezes, a simplicidade é tão evidente que a não entendemos; nem interessa, aqui, estudar os processos retórico-estilísticos (como a ironia, a paródia, a caricatura, ou a vulgarização) utilizados por Caeiro para, no terreno da *palavra* poética, reconfigurar uma imagem do sagrado, legada pelo discurso vertical e monológico judaico-cristão (ou cristista, como diria Ricardo Reis, ou John Robertson), propondo um novo olhar mais adequado à polifónica sensibilidade moderna.

S. Caeiro, é sabido, constitui, de todos os heterónimos pessoanos, o mais *incómodo* e o aparentemente mais simples – por isso mesmo, o mais paradoxal<sup>1</sup>: «Caeiro como solução para [...] [a] infelicidade estrutural da consciência», escreveu Eduardo Lourenço, «constitui *uma res-posta* e uma resposta de evidente ressonância metafísica e religiosa, embora inseparável dessa infelicidade da consciência» (LOURENÇO, 1983: 191); este *outro eu* pessoano desafiou constantemente a palavra filosófica (qual Nietzsche desconstruindo a metafísica de procedência platónica!); este precursor de Foucault notificou-nos como necessária a destruição das categorias lógicas da linguagem; fê-lo, já o dissemos, através da *palavra* poética. Ora, é sabido que a literatura luta constantemente com a impossibilidade de representar o real; contudo, contra esse impedimento lutou, natural e paradoxalmente, o *sábio* Caeiro no próprio campo da linguagem: naturalmente, porque sempre defendeu a desafeção da linguagem; paradoxalmente, porque recorreu à própria linguagem para o fazer; contudo, se «Caeiro fala», alertou justamente Octávio Paz, «é porque o homem é um animal de palavras, como o pássaro é um animal de asas» (PAZ, s/d: 22).

Como quer que seja, o que sobretudo nos interessa, no presente contexto, é, sim, apreender com este *guardador de pensamentos* um outro ensinamento: que não basta conquistar o conhecimento... é preciso usá-lo. Isto é: não basta compreender o ensinamento que Caeiro recebeu do seu Menino Jesus; torna-se necessário seguir, praticar, ensinar, esse mesmo ensinamento. Nesse sentido, ao Aluno Alberto Caeiro “tudo ensinou” o professor Menino Jesus (agora Mestre do Mestre Caeiro):

Ensinou-me a olhar para as coisas.

Apointa-me todas as coisas que há nas flores.

Mostra-me como as pedras são engraçadas

Quando a gente as tem na mão

E olha devagar para elas

(PESSOA, 1986a: 750).

<sup>1</sup> Cf. LOPES, T. R., 1977: 301 ss; SEABRA, J. A., 1988: 142-162; LIND, G. R., 1981: 122-124.

A considerar esse cenário, com facilidade se poderia, aliás, equacionar o poema VIII d'O *Guardador de Rebanhos* como um ato *carnavalesco*, nos termos creditados a Mikhail Bakhtine (BAKHTINE, 1970: 170). Por essa propriedade se deveria considerar, nesse poema, a *inversão* dos valores consagrados pelo imaginário judaico-cristão, a "excentricidade" (entendendo-se por isto a expressão do *reprimido*) e a dessacralização da *authoritas* (cf. BAKHTINE, 1970: 172) – «dessimbolização cristista» considerou Luís de Sousa Rebelo (1987: 386). Por esta perspetiva, poderemos, então, encarar este poema VIII como um espaço textual *confrontação* e de *recomposição*, porque configura novos sentidos, autorizados pela *releitura* que do imaginário judaico-cristão nos oferece Caeiro.

É, portanto, por este prisma que o poema VIII d'O *Guardador de Rebanhos* se rege por uma intenção moralizadora: o sujeito poético Alberto Caeiro ensina-nos que a totalidade albergada pelo divino está no quotidiano, no contacto com a natureza, na visão simples, objetiva e inocente do mundo: «Toda a coisa que vemos», adverte o Mestre Caeiro ao discípulo Álvaro de Campos, «devemos vê-la sempre pela primeira vez, porque realmente é a primeira vez que a vemos. E então cada flor amarela é uma nova flor amarela, ainda que seja o que se chama a mesma de ontem» (PESSOA, 1986a: 737). Sob esta perspetiva, aquele que seguir esta lição tornar-se-á "divino", ou, como confessa Caeiro, viverá *com* o divino, «Com um acordo íntimo / Como a mão direita e a esquerda» (*idem*: 752)»

6. Pergunto-me: qual a correspondência entre as lições de Caeiro e o perfil do leitor de poesia, do professor, do Aluno, de todos nós, leitores, em geral?

Para responder a essa questão, torna-se necessário relembra-que, também, vai atormentando a educação. E se é verdade que a educação está em crise, não é menos verdade que tal crise se deverá, em parte, à crise que contorna a sociedade, de um modo geral, já que, decididamente, a Escola não deve ser vista como a origem de todos os males.

Porém, como é lógico, isso não significa que, no universo do ensino-aprendizagem, não haja erros na prática pedagógica: quantas vezes o professor nem chega a pensar que nem sempre o que é apreendido pelo Aluno coincide com aquilo que aquele pretendia veicular... sim, porque nem sempre sabemos como o Aluno filtra aquilo que ouve (desconhecimento acerca do de-

envolvimento psicológico-cognitivo? Talvez... ). Quantas vezes nem sequer nós pensamos, professores, que, por vezes, a aula mais se parece com uma sessão de psicanálise, em que o professor é aquele que é psicanalisado, e o Aluno, aquele que psicanalisa... Quantas vezes nos esquecemos de admitir o Aluno no e pelo *seu* mundo... Quantas vezes nos esquecemos da lição de Roland Barthes, ao indiciar o ato de ensinar como uma *encenação da palavra*... Quantas e quantas vezes nos esquecemos de que a bondade do professor para com os seus Alunos não se pode medir em tempo de abundância, mas quando a escassez desassossegada... Quantas vezes nos esquecemos do al- cance das palavras do poeta Pope, quando mostrava que errar é humano, mas que perdoar é divino... Tantas vezes nos esquecemos disso quantas as que emboscamos a generosidade do universo do próprio Aluno e colocamos esse aluno-leitor apenas como objeto, sendo que, assim, somos nós que nos colocamos como tal; tantas vezes nos esquecemos disso quantas as que nos esquecemos de que o Aluno tem mais necessidade de modelos do que de críticos e de que a educação é, acima de tudo, uma relação entre seres humanos.

Em meados da década de 90, numa entrevista a Albano Estrela, referia-se Gaston Mialaret à complexidade da educação, reforçando que esta implica não só a relação pedagógica professor-aluno, mas também, e cada vez mais, uma relação institucional, onde conflui uma multiplicidade de fatores: sociológicos, demográficos, económicos, políticos, administrativos... Por esse prisma, poderíamos então seguir o seu conselho: a crise da educação poder-se-á superar a partir do momento em que aceitemos colocar em questão algumas finalidades pedagógicas. Ser-nos-á, assim, fundamental duvidar dos nossos próprios métodos educativos, corrigindo-os sempre que o bom senso assim o aconselhe; será inevitável seguirmos o diapasão das novas tecnologias, se não o futuro, quando chegar, não nos encontra; será indispensável questionarmo-nos se o que ensinamos hoje pode, amanhã, servir o Aluno – sabendo nós que os Alunos vão conquistando uma autonomia cada vez maior com a cultura tecnológica. E ao considerarmos esta questão nestes termos, não nos esqueçamos de o fazer com aquele entendimento com que Paul Valéry sustentou a ideia segundo a qual o essencial, na vida, é um pouco de saber e muita atividade de espírito. Ofereçamos a nós mesmos essa prova de discernimento e compreendamos que a maior prova de inteligência é confiar precisamente na inteligência do *outro*.

7. Alberto Caeiro viveu e vivenciou profundamente um cenário cultural muito marcado pelo signo da *inquietação*, cenário esse cujos contornos foram decisivamente um sentido geral de fragmentação estético-ideológica, um intenso desassossego e um sentimento de derrotismo e de *crise*, onde prevaleceram a subversão das relações humanas, a desordem interior de um sujeito que sofreu com o desenvolvimento tecnológico e com o aumento da insensibilidade e do calculismo (VILA MAIOR, 2003: *passim*). «Nestas horas turvas» – escrevia Ricardo Reis em, provavelmente, 1917, num projeto do Prefácio à obra de Caeiro –, «a única fonte de consolação para a minha alma tem sido o manuscrito [...] de “O Guardador de Rebanhos”»; e continua: «Ele tem toda a simplicidade, toda a grandeza, toda a posse das coisas que os antigos tinham; mas, escrito já em oposição aos tempos modernos que o viram nascer, dá-nos já como bálsamo o que nos outros era só frescura [...]» (PESSOA, 1986b: 1040).

Também nós, hoje, vivemos um cenário cultural global redobrado pelos signos da velocidade e do tempo. Urge, por isso, perguntar se a “balsâmica” poesia não nos ajudará a compreender melhor a vivência deste mesmo tempo e desta mesma velocidade. A resposta poderá encontrá-la o leitor que com mais propriedade conseguir comprometer-se com três disposições: a *reflexão* contínua (e continuada) sobre o texto poético, o registro de *desdobramento* e a prática da *simplicidade*.

A literatura e a pedagogia ensinam-nos o primeiro preceito: dizem-nos que uma eficaz e desembaraçada execução exige previamente muito trabalho e ponderação... Isso nos mostrou Fernando Pessoa com a sua obra; e isso mesmo nos aconselhou Gaston Mialaret, ao defender que o professor precisa de investigar seis dias para filosofar no sétimo.

Italo Calvino, nas suas propostas para este milénio, indica-nos o segundo preceito. Seguindo de perto as suas propostas, não custa aceitar que a tensão criada pelas forças negativas do dia a dia poderá ser ultrapassada pela multiplicidade de perspectivas, pela busca de diferentes posicionamentos – o que desde logo implica o contínuo desdobramento do *eu* para assumir a perspectiva do *outro*.

Com esta se relaciona intimamente a terceira sugestão: o discurso e a prática da simplicidade. Por esse preceito se guiou um dos maiores nomes da poesia portuguesa, Alberto Caeiro. O seu *sonho* (e, note-se, é dis-

so mesmo que se trata, de um «sonho»), contou-o como quem narra uma história; neste caso, foi uma história, a *sua*, acerca do Menino Jesus, o *seu*, com quem o próprio sujeito poético Alberto Caeiro aprendeu. Com essa história devemos aprender também nós, leitores da poesia contemporânea; com essa história devemos aprender que, por vezes, podemos encarar a vida com a autenticidade infantil, vivenciando a infância não como passado, mas como presente, como Caeiro ensinou:

A Criança Nova que habita onde vivo  
Dá-me uma mão a mim  
E a outra a tudo que existe  
E assim vamos os três pelo caminho que houver,  
Saltando e cantando e rindo  
E gozando o nosso segredo comum  
Que é o de saber por toda a parte  
Que não há mistério no mundo  
E que tudo vale a pena.

A Criança Eterna acompanha-me sempre.  
A direcção do meu olhar é o seu dedo apontando.  
O meu ouvido atento alegremente a todos os sons  
São as cócegas que ele me faz, brincando, nas orelhas.

Damo-nos tão bem um com o outro  
Na companhia de tudo  
[...]  
Ao anoitecer brincamos as cinco pedrinhas  
No degrau da porta de casa,  
Graves como convém a um deus e a um poeta,  
E como se cada pedra  
Fosse todo um universo  
E fosse por isso um grande perigo para ela  
Deixá-la cair no chão

(PESSOA, 1986a: 751-752).

Com estas palavras, devemos aprender; devemos aprender que, por vezes, podemos conviver com o sentido da *perfeição* e da *totalidade vital*, permitidas, acima de tudo, pela imaginação:

Depois eu conto-lhe histórias das coisas só dos homens  
 E ele sorri, porque tudo é incrível.  
 Ri dos reis e dos que não são reis,  
 E tem pena de ouvir falar das guerras,  
 E dos comércios, e dos navios  
 Que ficam fumo no ar dos altos-mares.  
 Porque ele sabe que tudo isso falta àquela verdade  
 Que uma flor tem ao florescer  
 E que anda com a luz do sol  
 A variar os montes e os vales  
 E a fazer doer aos olhos os muros caiados  
 (*idem*: 752).

Mas devemos de igual modo aprender que, quando o futuro chegar, serão as crianças, jovens leitores, que nos contarão os sonhos que nós, adultos, vamos ajudando a construir. Caeiro – esse heterónimo com «olhos azuis de criança que não tem medo» (PESSOA, 1986b: 736), esse heterónimo que não teve «profissão nem educação quase alguma» (*id.*: 342) – disse-nos com ternura tudo isto:

Quando eu morrer, filhinho,  
 Seja eu a criança, o mais pequeno.  
 Pega-me tu ao colo  
 [...].  
 E conta-me histórias, caso eu acorde,  
 Para eu tornar a adormecer.  
 E dá-me sonhos teus para eu brincar  
 (PESSOA, 1986a: 753).

Por isso, a «história» do Menino Jesus de Alberto Caeiro encaminha-nos para uma questão primordial: podemos *aprender* com a poesia; isto é: podemos *aprender* com o que ela nos diz. Podemos, neste caso, *aprender* com o que nos ensina Alberto Caeiro e a sua Criança (que, só por isso, é Eterna);

podemos *aprender* com essa Criança Eterna, que – longe daquela “criança abandonada” do Rimbaud das *Illuminations* (*Enfance IV*) – ensinou a encarar naturalmente a morte. Escreveu Philippe Ariès que «a infância como valor depende [...] do modo como o grupo ou a sociedade se imagina a si mesma e aos seus problemas [...] em relação ao problema do tempo [...], que se prende com a temática *vida/morte*» (ARIÈS, 1997: 371). De outro modo se referiu Teresa Rita Lopes, quando escreveu que «c’est surtout à ne pas craindre la mort que Caeiro, le Maître, a de la peine à convaincre ses disciples» (LOPES, 1977: 299).

Em determinados momentos, quando eu me interrogo sobre o modo como devo atuar perante o ensino da leitura de poesia, ou perante a própria vida, encontro a resposta precisamente no poema VIII d’O *Guardador de Rebanhos*. Lendo-o, percebo então a verdadeira realidade e transparência daqueles dois versos que sintetizam filosofias e pedagogias: «A Criança Eterna acompanha-me sempre. / A direcção do meu olhar é o seu dedo apontando» (PESSOA, 1986a: 752).

Com estes dois versos, podemos revalidar o prazer e o gozo de ler poesia; com “las emociones de la infancia” sempre em nós (como tantas vezes repetiu Federico García Lorca) e com aquela «eterna criança que acompanha, rejuvenesce e inspira» o sujeito poético Caeiro (LIND, 1981: 130), podemos tonificar o prazer e o gozo de ler e de ensinar a ler poesia; com aquela «Eterna Criança», «tão humana que é divina», com o seu «sentido purificador do riso ambivalente, que logra substituir a degenerescência por um renascimento de todo o ser» (REBELO, 1987: 389), podemos apurar a necessidade de resgatar sentimentos de que nos vamos esquecendo.

Quando as alegrias se ausentam da vida e se esquecem de regressar, temos que ter consciência de que nos esquecemos de nos anteceder ao tempo – já que a intuição e o cheiro azul da infância se deveriam estimar não apenas em tempos de abundância, mas também na vivência quotidiana. Álvaro de Campos, num texto de 1933, intitulado «Dactilografia», escreveu isto por outras palavras:

Outrora, quando fui outro, eram castelos e cavaleiros,  
 Ilustrações, talvez, de qualquer livro de infância),  
 Outrora, quando fui verdadeiro ao meu sonho,

Eram grandes paisagens no Norte, explícitas de neve,  
Eram grandes palmares do Sol, opulentos de verdes.

E, pouco depois, conclui:

Temos todos duas vidas:

A verdadeira, que é a que sonhámos na infância,

E que continuamos sonhando, adultos, num substrato de névoa;

A falsa, que é a que vivemos em convivência com outros,

Que é a prática, a útil,

Aquela em que acabam por nos meter num caixão

(PESSOA, 1986a: 1000).

Enteetanto, e referindo-se à poesia de Alberto Caeiro, diz ainda Álvaro de Campos: «[...] O que realmente recebemos daqueles versos é a sensação infantil da vida, com toda a materialidade directa dos conceitos da infância, e toda a espiritualidade vital da esperança e do crescimento, que são do inconsciente, da alma e corpo, da infância» (LOPES, 1990: 424).

Valerá a pena equacionar nestes termos o poema VIII d' *O Guardador de Rebanhos*, de Caeiro, pelo menos por aquilo que também Fernando Pessoa nos lembrou acerca da criança e dos artificios do sol (da luz, do discernimento ...): «Grande é a poesia, a bondade e as danças... / Mas o melhor do mundo são crianças» (PESSOA, 2000: 195).

Em última instância, se não for pela lição pessoana de que «Tudo vale a pena / Se a alma não é pequena» (PESSOA, 1986a: 1159), pelo menos que o seja pela pergunta final com que o sujeito poético Alberto Caeiro termina o poema VIII d' *O Guardador de Rebanhos*, com uma tonalidade tão sincera, esteticamente, e tão autêntica, literariamente:

Esta é a história do meu Menino Jesus.

Por que razão que se perceba

Não há-de ser ela mais verdadeira

Que tudo quanto os filósofos pensam

E tudo quanto as religiões ensinam?

(PESSOA, 1986a: 753)

### Bibliografia

- ARIÈS, Philippe (1997). «Infância», in *Enciclopédia Einaudi*, 36. Lisboa: Imprensa Nacional / Casa da Moeda, pp.360-371.
- BAKHTINE, Mikhail (1970). *La poétique de Dostóievski*. Paris: Éditions du Seuil [1929].
- CALVINO, Italo (s/d). *Seis propostas para o próximo milénio*. Lisboa: Editorial Teorema.
- CATTANEO, Carlo Vittorio (1984). «Um poema blasfemo de Fernando Pessoa», in *Cadernos da Colóquio/Letras*, 2, pp.73-87.
- GARCEZ, Maria Helena Nery (1985). Alberto Caeiro, "Descobridor da Natureza"? Porto: Centro de Estudos Pessoaanos.
- GARCEZ, Maria Helena Nery (1989). *Trilhas em Fernando Pessoa e Mário de Sá-Carneiro*. São Paulo: Editora Moraes.
- GIL, José (1990). «Metafísica e heteronímia na obra de Fernando Pessoa», in *Encontro Internacional do Centenário de Fernando Pessoa*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, pp.128-130.
- GOMES, Álvaro Cardoso (1985). «O retorno à inocência», in MELLER, Wilson Brunel e PINTO, Sérgio de Castro [orgs.], *Fernando Pessoa. Estudos Críticos*. Paraíba: Associação de Estudos Portugueses Hernâni Cidade, Universidade Federal da Paraíba João Pessoa, pp.17-22.
- HEWITT, Julia Cuervo (1990). «Metafísica da Negação: A negação da Metafísica na poesia de Alberto Caeiro», in *Congresso Internacional de Estudos Pessoaanos*. Porto: Fundação Eng. António de Almeida, I Vol, pp.463-477.
- LIND, Georg Rudolf (1981). *Estudos sobre Fernando Pessoa*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda.
- LIPMAN, Matthew (1990). *A Filosofia vai à escola*. São Paulo: Summus Editorial.
- LOPES, Teresa Rita (1977). *Fernando Pessoa et le drame symboliste: héritage et création*. Paris: Centre Culturel Portugais.
- LOPES, Teresa Rita (1990). *Pessoa por conhecer*. Lisboa: Editorial Estampa, vol.2.
- LOURENÇO, Eduardo (1981). *Fernando Pessoa Revisitado - Leitura estruturante do drama em gente*, 2ª ed.. Lisboa: Moraes Editores.
- LOURENÇO, Eduardo (1983). *Poesia e Metafísica - Camões, Antero*,

- Pessoa. Lisboa: Sá da Costa Editora.
- MATOS, Maria Vitalina Leal de (1991). «Alberto Caeiro, uma anti-se-miose», in *Estudos Portugueses. Homenagem a Luciana Stegagno Picchio*. Lisboa: Difel, pp.783-794.
- MATOS, Maria Vitalina Leal de (1992). *A vivência do tempo em Fernando Pessoa*. Lisboa: Editorial Verbo.
- NEGREIROS, José de Almada (1990). *Obras Completas – Poesia*, 2ª ed.. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, Vol. I.
- PAZ, Octávio (s/d). *O desconhecido de si mesmo*. Lisboa: Vega.
- PESSOA, Fernando (1986a). *Obras de Fernando Pessoa* [organização de António Quadros]. Porto: Lello & Irmão Editores, Vol. I.
- PESSOA, Fernando (1986b). *Obras de Fernando Pessoa* [organização de António Quadros]. Porto: Lello & Irmão Editores, Vol. II.
- PESSOA, Fernando (1994). *Edição crítica de Fernando Pessoa – Poemas de Ricardo Reis* [Edição de Luiz Fagundes Duarte]. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, Vol. III.
- PESSOA, Fernando (2000). *Edição crítica de Fernando Pessoa – Poemas de Fernando Pessoa 1934-1935* [Edição de Luís Prista]. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, Vol. I, Tomo V.
- REBELO, Luís de Sousa (1987). «Alberto Caeiro e o deus que faltava», in *Afecto às letras. Homenagem da Literatura Portuguesa Contemporânea a Jacinto do Prado Coelho*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, pp.382-391.
- SEABRA, José Augusto (1988). *Fernando Pessoa ou o Poetodrama*, 3ª ed.. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda.
- TABUCCCHI, António (1984). «Uma criança atravessa a paisagem. Sobre o Poema VIII de “O Guardador de Rebanhos”», *Pessoana Mínima*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, pp.35-41.
- VILA MAIOR, Dionísio (1994). *Fernando Pessoa: Heteronímia e Dialogismo*. Coimbra: Livraria Almedina.
- VILA MAIOR, Dionísio (2003). *O Sujeito Modernista – Fernando Pessoa, Mário de Sá-Carneiro, Almada Negreiros e António Ferro: Crise e Superação do Sujeito*. Lisboa: Universidade Aberta.
- VILA MAIOR, Dionísio (2004). *Estudos Pessoaanos*. Lisboa: Universidade Aberta [Cd-Rom].